

O PORVIR

15 DE NOVEMBRO
DE 1883

O PORVIR!

Periodico Litterario e Noticioso.

De Deus é maldição a ignorância,
Nas azas da instrução ao céu subimos
(Shakspeare.)

Publica-se duas vezes por mez á razão de 1\$500 por trimestre.
Pagamento adiantado.

Escriptorio da redacção á rua da Mãe dos Homens n. 27
onde se trata de negocios relativos a esta folha
A redacção só é responsavel por seus escriptos.

O PORVIR

O genio e a fatalidade.

(Conclusão).

Parahyba, 15 do Novembro de 1883

No meiado do seculo surgiu o arrojado cantor de—Juca Pirama—que inicia a poesia cabocla, seguida pelo Sr. Porto-Alegre e Magalhães, que não passarão de simples imitadores.

Gonçalves Dias promettia muito, e apesar de ter morrido moço, o seu nome é talvez o mais significativo e glorioso do Pantheon brasileiro.

Alvares de Azevêlo, que merecera o epitheto que Chateaubriand dera a Victor Hugo—enfant sublime—no volutabro das paixões, nos reflexos satanicos das poesias septicas de Byron, morre aos 21 annos, deixando-nos irrefragaveis provas de sua grandesa intellectual:

Casimiro de Abreu—que segundo o Sr. Ramalho-Ortigão—não é um genio desenvolvido nem um grande letrado é uma grande alma e um grande infeliz; não verseja, poetisa, não canta, suspira, lamenta-se e chora, é assaz conhecido já por seu

FOLHETIM.

Continuação do n. 10.

Fui então sentindo-me dominado por essa mulher, e uma força estranha impellia-me a compartilhar dos gosos e soffrimentos de Didi.

Assim vivemos algum tempo, que rapido como o pensamento, corria.

Devião mudarem-se as scenas de nossa vida, e poucos dias depois mutuamente, e sem convenção alguma, separamo-nos para mais tarde não soffrermos chagás mais intensas.

A dor que pretendia sepultar-me, me ia entregando vagorosamente a um desespero pro-

estyllo latiniano, já pelas contrariedades de sua vida, contrariedades, que só no sopulchro é que extinguirão-se.

Junqueira Freires, Dutra Mello, Luiz Paulino, Ferreira Barreto, Lisboa Serra, Burrier e Macêdo, pleiade illustre de poetas nacionaes, saudarão á morte nos acentos maviosos do cysne ao adejar este céu tropical, céu de fogo, de amor e poesia.

Por mais de um titulo, merece que honrosamente mencionemos o verdadeiro chefe da escola condoreira no Brasil: o mavioso poeta da republica—Castro-Alves—que nem a critica, nem a parcialidade do Sr. Silvio Romero poderão privar-lhe desta gloria.

Castro-Alves foi o poeta essencialmente dos escravos, dos infelizes, d'aquelles que por estultos preconceitos fugimos d'elles como fugia-se de um leproso na idade media. Elle abraçou esta causa sagrada para uns, maldita para outros que valher-lheha a immortalidade.

O cantor do navio negreiro não é exclusivamente uma gloria da Bahia; é uma gloria nacional. Muito moço, quando dilatava-se um futuro brilhante e invejavel, morreo Castro Alves abençoado por uma multi-

undo, estado em que certamente succumbiria se não fosse affeito aos soffrimentos.

Ha uma lei divina, que nem a todos consente o arriço da felicidade; eu era portanto um d'estes sobre quem pesava o rigor d'ella, era necessario cumprir a minha sentença, e resignadamente consolei-me.

Oh! a esperanza, porém, não me abandonava. Convém esperar, me dizia uma voz que não conhecia: esperar! lei sublime! resignei-me a esperar; julgando-me moço, acreditei no porvir; forte e robusto, não temia os dissabores.

Era-me, porém, necessario fugir, porque a ausencia, que muitas vezes é o mais forte lini-

dão infeliz e admirado pela mocidade brasileira.

Terminamos o nosso escripto sobre estes grandes infelizes que por mais que se diga, jamais se conseguirá dizer o que forão, e citamos em conclusão as seguintes palavras do visconde de Chalaisbroand:

O genio é um Christo; desconhecido, perseguido, açotado, coroado de espinhos, crucificado pelos homens e para os homens, morre deixando-nos a luz, e resuscita para depois o adorarmos.

NOTICIARIO

Nomeação.—Foi nomeado medico da New-York Life Insurance Company, o nosso amigo e distincto facultativo desta capital, o Sr. Dr. Luiz José C. de Sá. Nossos parabens a S.S.

Exames.—Começarão no dia 12 do corrente os exames geraes de preparatorios nesta provincia. Consta-nos que por um escrupulo da presidencia, não occuparão os lugares de examinadores os lentes cathedra-ticos que ensinão particularmente.

Chegada.—Acha-se entre nós, vindo no vapor de 18 do passado, o

tivo, me poderia cauterizando as chagas, maduramente me fazer reflectionar melhor; e assim cumprindo a lei do fado, procurei euzentarme.

Vaguei annos, que me parecia seculos; porque minha mente tinha indelévelmente presente o meu tristonho passado.

Foi assim que passarão-se cinco annos, depois dos quaes parece-me cumprida a pena e regresssei a meu lar, onde encontrei mudanças peniveis.

A saudação á minha familia foi silenciosamente concluida com á interrogativa; como vai Didi? casada, me responderão.

Sim, eu respirei livremente; Didi casada, entregue nos braços de um rival; eu livre, abso-

dstincto cavalheiro Julio Guimarães, agente da New-York Life Insurance Company.

Comprimntamos a tão illustre cavalheiro e estimamos que os paralyzados tenham occasião de apreciar as excellentes qualidades de que é elle dotado.

Quanto ao fim grandioso e nobre da New-York, nada disemos por já ter sido demonstrado por outras impressas.

Pergunta.—Será exacto que o Sr. Antonio Ricardo, carcereiro da cadeia, costuma deixal-a entregue a pessoas incompetentes e até a prezos, e passar a noite fora divertindo-se no seu lasquinete?

Chamamos a attenção do Sr. Dr. chefe de policia para este pessimo empregado, já demittido por crime identico no tempo do D. Faro.

Preces religiosas.—Findarão-se no dia 2 do corrente as preces em honra do sacrosanto Rozario da Virgem Maria, secretadas pela circular de 16 de setembro, durante as quaes proclurirão uma profunda sensação nos cerebros de um sacerdote exemplar e de uma catholica zelozza o adiantamento de nossa classe, que não creu no fim do mundo, e o seu modo de pensar em materia de religião. A redacção do «Conservador» tome cuidado com estas Senhoras que forem entregar escriptos!

Corre boato de que andão homens em trajos de mulheres!

Pergunta.—Poderá continuar a funcionar uma casa de jogo (disfarçada em cosmorama) que há na rua Conde d'Eu, defronte do quartel de policia, a qual só é frequentada pelos soldados, mulheres perdidas, e molêques? Responda a policia.

Prevenção.—Previne-se aos na-

uto, seria apenas um adorador de suas virtudes.

Passada a grande fadiga resolvi-me a dar um passeio e assim como que guiado por uma força e estranha me fui dirigindo pelos lugares que outrora me occasionavão grandes e incomparaveis prazeres; oh! cada passo que eu avançava sentia um estertor que me accumulava cada vez maiores soffrimentos, e uma contrariedade immensa me fazia sentir um duplo soffrimento; era assim que eu ia vagando, quando inesperadamente me achei confronto a casa do Comendador... à rua do Crespo que sériamente chamou-me a attenção pela forma modesta com que agora se me apresentava; a alegria d'aquelle lar parecia ter fugido. Subi e soube como tinha entrado para o salão, triste como um cemiterio, o contemplei; do

morados que o «Porvir» assume d'ora em diante as redeas da critica.

Aviso.—Avisa-se á Senhora Camara que desempenhe cabalmente a sua missão; repare bem para o estado de limpeza das ruas, dê um passeio a S. Rita, veja aquellas cercas feitas em lugares publicos, visite estes arrebalde, senão... tema a nossa volta.

Para evitar confusão.—São redactores exclusivos d'este Jornal, José Vieira Paçheco, Augusto Camará Corrêa de Sá e Anizio Pessoa d'Oliveira.

A estes derijão-se Bitús e comp. e não a seus ex-redactores.

VARIEDADE

A redacção do «Porvir» e o Dr. Bitú

Eis-me em face do lobo, Que investe contra cordeiros; Quero tirar a este bobo Os alentos derradeiros; Mostrar a esta serpente, Que de apanhar não se sente, Que sei punir a maldade De qualquer bajulador, Que com ares d'escriptor Offender a mocidade.

Nós, crusados do progresso, Amantes do idéal, Que combatemos o inverso Da sa doutrina real, Ante o tribunal corrupto Do zoilismo, cujo fructo E' um'obra aniquilar, A nossa clara rasão Que nem limita a amplidão, Jamais iremos prostrar.

E de mais julgas, Bitú, Venal improvisador, Que appellidando—lundú A meras canções d'amor Podes nunca criticar? E queres mais apanhar

N'im leito jazia um venerando vetusto abatido pelo peso dos annos, além dos soffrimentos que se reconheciam em seu semblante; mais além tres pessoas, que pude reconhecer serem Lili, Nimi, e Didí, que já não parecião as interessantes d'outrora, mas que não se intristecerão com minha chegada; um pequenino interessante, folgava pensando apenas nos brincos que o cercavão; aproximei-me então do Comendador e travamos uma conversação, na qual pude vir a saber as grandes adversidades que tinham pezado n'aquelle lar, coincidindo com a minha separação.

Jorge, marido de Didí, viajava á 8 mezes pelo Pará em busca de fortuna, que deveria restabelecer o credito da casa do Comendador; mas a sorte adversa o havia prostrado em estado tão doentio, que foi obrigado a...

Do que o moço te deu? Escuta lá essa historia: A bôlos de palmatoria Quem vai julgar-te sou eu!

Me diz: n'aquelle improviso Que enume'aste segundo, Ao teu pouco juico Não cavaste abys no fundo? A palavra—improvisar— Aque se deve applicar? Não é á dissertação Sobre uma materia dada Nunca vista ou estudada, Heim!; meu grande bestalhão?

Talvez me querias dizer Que sobre ella não pensaste; Assim não passo entender De que foi que criticaste. Porem tu lêste o «Porvir»; Te riste mesmo a cuspir; E emittiste um juico, Portanto aquella censura, Consequencia da leitura, Não pode ser improviso.

Vê lá que bôlos mereces Por este erro primeiro; Gagueijas?... não te aprees, Que não é o derradeiro. Ah! Não vai bem o'negocio; Pelo que vejo o beocio Tem de junento cachola; E eu não ensino a tolos Castigando só com bôlos Como a meninos de eschola.

Quaes forão as palhaçadas, Que encontraste no—Porvir? Mostra; as palmatoadas Não d'ora te corrigir, E aquelle empatunado Atli tão mal empregado O que quer elle exprimir? E' estado ou condição Ou tempo ou modo ou acção Ou é só para embutir?

Não me respondes meu burro? Diz-me logo essa historia; Não faças por levar murro, Encima de palmatoria. E fica sabendo agora: Empantunado é quem mora Rojado dentro do lódo; Não o «Porvir» que a gloria

para vir succumbir nos braços da espôsa que o idolatrava, como, pouco tempo depois de meu regresso, veio a succeder. Estavão, portanto desvanecidas as ultimas esperanças do Comendador.

Fui chamado poucos dias depois á servir como confidente do agonizante Comendador, que me encarregou do zelo de sua familia, vindo eu a servir como uma pessoa de confiança da familia de Didí.

Foi assim que Deus ensinou-me á perdoar as offensas; esqueci o passado, e meu braço foi um forte sustentaculo e arrimo á quem tanto, e por tantas vezes me occasionará momentos de agudissimas dores.

Recife. 9 de setembro de 1883.

Julio Sobrinho.

Lançada na sua historia Adquirio cor denodo.

Em que autor já viste As tres especies de escriptas, Que no jornal sacudiste Em termos tão exquisitos? Phrazes de tal natureza, Não despidas de belleza, Eu considero invenção; Vou por tanto corregir, Qu'è para ninguem seguir Principios de corrupção.

Somente as duas primeiras Tem sido e são adoptadas; A terceira—mil asneiras— E' igual a—palhaçadas Qu'è vicio contra a puresa Do estilo e a claresa, Chamado obscuridade De doze modos diversos Quer na prosa quer nos versos Caenellê a mediocridade.

Agora pela massada De te dar esta lição, Recebe por caçoada Dez bôlos em cada mão. Aquella rima, Bitú, Que fizeste com lundú Nunca se pode aceitar; Alem de ferir o ouvido Prendendo muito o sentido, Vai a cadencia quebrar.

E tu já viste algum dia Arte de metrificar, Qu'em versos sem poesia Mil formas mande empregar? E' muita phosphorescencia! Só quem não tem consciencia Atrave-se a sophismar; Sobre uma arte divina Que a natura nos ensina Intacta a conservar.

Recebe mais esta dose De bolinhos tão bem dados; E' pequena: só são doze: Os outros ficão guardados Para a primeira lição Acerca de medição. Que me vieres traser. Eu quero logo passal-a Pra poderes estudal-a E melhor me responder.

Seja, pois, seu objecto Teus versos para medir, Choras?... Foi teu o projecto De bôlos no discutir. E...olha—muito cuidado!... Tem'o que algum deputado Faça por isso barulho, E vá pedir providencia Contra o bolo á presidencia Que está dando um cascabulho,

Por hoje... Bitú, adeus! Sou forçado a retirar-me; Vê também os versos meus, Mas vem os erros provar-me; E dispõe sem desmazias Em tuas vis poesias De verso coxo maneto Do teu humilde criado, Attento e obrigado José Vieira

Pacheco.

Bitú arrependido

I.

Rapazes Bitú voltou, deveis ter muita attenção, para ver se aproveitou lendo a primeira lição; mas, pelo que me parece, O pobre moço enlouquece procurando ser poeta, só um remedio de suco, que custe caro ao patéta, o salva de ser maluco.

Preparemos um cauterio muito forte apimentado, que talvez bom resultado nos dê, si fôr deleterio; que amania do Bitú corróa de tal maneira que o ponha em pasmaceira, sem se lembrar do lundú e depois, se algum tutú elle nos fiser de novo pediremos nos ao povo que o tome a conta sua, e não tenha caridade para diser-lhe a verdade lhe pondo a calva na rua

Certamente a grande surra que deo-lhe há pouco o Porvir, não lhe fez a mente burra se emmendar e corregir, e por isso o bestalhão, tabaréo, rude, boçal veio de novo ao jornal, trasendo a furia do caô, mordendo a cauda... e então, qual hydrophobo rafeiro, no damnado desespero soltou baba em touda parte, cumpre-nos pois, meos amigos, pra nos livrar dos perigos, tratar da besta com arte.

Lhe fasendo applicação de alho pimenta e louco com bem forte esfregação, será isto ainda pouco. Mas o que se há de faser? sovar-lhe o pello com peia? Isto nunca!.. é cousa feia!.. nem nós devemos querer. Não ha mais tempo a perder; para applicar bacalháu, um chicote, ou cipó páu, ficaria feia a historia; nem devemos dar com relho; pois bem, o melhor consêlho é, dar-mos com palmatoria.

II.

Neste caso, Bitú chegue mais perto,

é preciso vir me dár contas de si ande, ande, meo Sr., diser-me os erros que encontrou nos versinhos, q' escrev

Sr. redactor, por caridade, me desculpe, e me dê o seu perdão eu confesso, meo Sr. tive má fé, pois ali só há erros de impressão.

Convem dar-lhe uns bolinhos. Não é bom?

Ai, Sr. redactor, não me dê, não! eu prometto: nunca mais cahirei n'outra.

Ai, ai, ai, meo Jesus! quebrou-me a mão

A outra mão, Sr. Bitú!...deixe de choro. Ai Jesus. quem me acode, eu hoje morro!

Não Sr. não morre, não! leia seus versos! Ai, Sr. à seus-peis pesso socorro.

Onde está, meu camurro-apoesia, desta decima que lêo?! diga meo tôlo, o primeiro, o segundo, e o sexto verso, e o deezimo também...sim tome bôlo. Ai, meu Deus, que desgraça!..quem me acode!..

minhas mãos ja enchadas de apanhar! Ai, senhor redactorsinho, não leia o resto das asneiras que escrevi...p'ra não me dar!

Sim Sr. não leio mais suas asneiras, mas ainda dêvo dar-lhe quatro bôlos; p'ra ficar-lhe eternamente na memoria esta surra, que valeram versos tôlos.

Ai Sr. me perdõe, não dê mais não! Olhe as mãos como estão?! me dêem tanto!!

Santa Barbara, S. Jeronimo, St. todos.. Santo Antonio, S. Gonçalo de Amaranto.

Arre, arre, c'os diabos, morro hoje, ai, meo santo redactor, meu amorsinho! Urra! urra!! grande coisa p'ra doer!... nunca mais escrevo, não, meo senhor-siinho...

Então, meo tratante, ainda escreve os seus versos grotêscos p'rô jornal?.. Não Sr. não Sr. oh! nunca, nunca!.. nunca mais me metterei n'outra igual.

Ciumes

A X.

De tudo tenho ciumes! Tudo perturba minha'alma!

O silencio, o murmúrio,
A tempestade e a calma!

Tenho ciúmes da brisa,
Que vai-te a fronte beijar;
Pois temo que ella me roube
O fogo do teu olhar.

Tenho ciúmes das flores,
Que vão-te o collo enfeitár;
Pois temo que o seu orvalho
A tua cor vá manchar.

Tenho ciúmes de tudo,
Da tua morena cor;
Ciúmes tenho das flores
Que não te inspirem amor.

Tenho ciúmes de tudo,
Ciúmes da propria lúia;
Ciúmes dos frouxos raíes
Que toco na face tua.

Tenho ciúmes das nuvens,
Que brincão sobre o horisonte;
Pois temo que como ellas,
Aprendas ser inconstante.

Tenho ciúmes das flores,
Que inda estão em botão;
Tenho ciúmes de tudo,
Até do teu coração.

Tenho ciúmes de tudo,
Até do proprio coxim,
Onde tu passas as noites
Pensando talvez em mim.

Tenho ciúmes dos beijos
Que dão-te tuas amigas,
Das rozas que te offertão
Ciúmes das semprevivas,

Tenho ciúmes dos astros,
Que brillão no azul dos Céus;
Tenho ciúmes dos anjos;
Ciúmes do proprio Deus.

Augusto Camará

A PEDIDO

Paródia a pandega

Offerecida ao Bitú

Sou eu quem vive na pandega,
Sem nenhum emprego achar,
Quem vive pelas tavernas
Querendo se embebedar.
Quiz ver do vinho, o segredo
E devorei-o sem medo,
Diante do Promethéu,
Tambem chupei aguardente
No meio da baixa gente
«O cacha d'agua; sou eu !!...»

Ouvi-me: venho n'um ganço,
Sou certamente Bachista

Sahi das fabricas ebrio
Cantando um hymno gancista;
Entrei pelos lupanares
Com ruidosos andares,
Que me fez a bebedeira:
Quebrei copos com pancadas
Dei grandes encontoadas.
E bem safei-me d'asneira.

Nos bordeis ergui o braço
E gritei, vamos beber ! !...
Pedi da branca sublime,
Toca na guéla á correr;
Satisfasendo ao pagode
Que só não faz quem não pode,
Puxei dinheiro, paguei;
Com Budião—fui gancista
Com Sabino—fui vercista,
Com o grande Crochet, sambei !!

E vi a garrafa núa
Aquella que foi p'ra mim,
Perguntei aos meus botões,
Oh ! quem bebe tanto assim? !
E então dava risadas
Transtornadas gargalhadas,
Qu'ao povo fazia horror;
Quiz andar porem não pude
Tinha na pança um almude,
Da cerveja, meu amor.

Procurei lutas cruentas
Já estava azogado e nú,
Gritei ao povo, em que pensas? !
A mim, o que é que tens tu? !
'Stava pois na cacetada
Por causa da cervejada,
Que tomei por brincadeira;
Sou um devasso um gancista
Tambem me chamam Bachista
Sou filho da bebedeira ! !

E no meu ganço terrivel,
Vibra a ira, do Senhor,
Nesta vidóca, eu não canso
Este meu lindo labor;
O doudo diz,—anoutece ! !...
O Bacho diz—amanhece ! !...
Cada qual tem sua fé;
E ao Club bom dos gancistas
A geração dos Bachistas
«Só eu rezisto de pé.

NININHAS DE GUIMARÃES.

Modinha.

A' A...

Acorda, acorda, deidade;
Acorda vem escutar
As juras santas d'um peito,
Que por tí vive a penar,

Vem ouvir a voz maguada,
Vem minha dor acalmar;
Vem dar vida ao pobre amante,
Que vive por te adorar.

Acorda, foje do leito,
Desperta chega a janella,
Vem por Deus linda deidade
Ver a lua como é bella...

Vem meu anjo, vem, desperta,
Deixa de tap' dormir;
Não queiras ^{matéria} ~~matéria~~
Nas queridas ^{aragoar} ~~aragoar~~ est'alma
Vem meus lamentos ouvir.

Adeus adeus, ja que dormes,
Sem queres despertar;
Amanhã pergunta á briza
Se me viu por ti chorar.

Acceita mais um adeus,
Um suspiro um ai saudoso;
Acceita do pobre amante
Do coração o—répouso.

Novembro—1883.

Lembranças da infancia

D'aquelles dias me lembro
Em que ia passear
Ao lado da mãe querida
Vendo o sabiá cantar.

Quão feliz eu era então
Na minha terra natal
Brincando com as borbulêtas
Fruindo amor maternal.

Choro por estar distante,
Da terra onde naci,
Choro; pois tenho saudades
De tudo quanto perdi.

Sim choro porque não posso
Gozar os ternos carinhos
Nem ouvir a harmonia
Do canto dos passarinhos.

Mas, quão longe me acho
D'este anjo encantador;
Que com suspiros não posso
Mitigar a minha dôr!

José Eugenio.

ACROSTICO.

Oh !... Ressuscitou o Sultão ! !...
Surgio o grande Japão ! !...
Um elevado poetão,
Representando um surrão ! ! !
Raiou de novo o charlatão,
A escrever em um jornal (no talão)
O Ermes Jermes é gaitão
(Assim diz o Cabegão).

T. R.